Imagens de si e do mundo incidindo e fazendo emergir composições singulares e coletivas

Deisimer Gorczevski[1]
Sabrina Késia de Araujo Soares[2]

Introdução

O exercício de observar as cidades, em especial os cenários urbanos e os modos de intervir e inventar de jovens e suas expressões artísticas e comunicacionais, em distintas iniciativas e organizações coletivas e autônomas, sugere a ampliação do conceito de juventude para pensar em termos de modos de socialização juvenil.

Nessa perspectiva, interessa analisar como os jovens estão se mobilizando e socializando em nossa sociedade? Estão eles colocando em xeque os "antigos" formatos de participação, ou seja, os movimentos estudantis, sindicais, partidários, religiosos, entre outros? Alguns estudos constatam que, principalmente em virtude do distanciamento e da descrença nos mecanismos e processos políticos tradicionais, os jovens estão buscando formas de socialização com as quais encontrem maior aproximação, espaços a partir dos quais conversariam de si e do mundo, de suas inquietações, solidão, desejos e, ao mesmo tempo, espaços para compartilhar experiências,

[1] Universidade Federal do Ceará (UFC).
[2] Universidade Estadual do Ceará (UECE).

inclusive, processos de segregação e discriminação vivenciados em seus cotidianos. A ênfase parece estar nas relações mais coletivas, menos totalizáveis, de vínculos mais efêmeros, que vão e vêm, de experiência (GORCZEVSKI; PELLANDA, 2005; QUIROGA, 2002). Nesse sentido, os espaços de convivência são, muitas vezes, onde encontram as possibilidades para manifestações espontâneas, reunindo amigos, familiares, vizinhos e muitos outros que possam, além de apoiar, compartilhar desejos e aspirações.

O que podem as intervenções audiovisuais das juventudes? Essa é uma das perguntas que a pesquisa In(ter)venções Audiovisuais das Juventudes em Porto Alegre e Fortaleza[3] se dedica a analisar, em se tratando de processos de singularização em territórios[4] de criação e resistência mobilizados por experiências comunicacionais e artísticas.

A pesquisa acontece em contextos urbanos distantes geograficamente e, ao mesmo tempo, com aproximações políticas e existenciais a serem detalhadas, posteriormente. A pesquisa já supera dois anos de percurso. Durante esse período, acompanhando processos inventivos comunicacionais e artísticos, em especial, os modos de produzir e fazer circular criações audiovisuais tendo como analisador os territórios de socialização juvenil, desde a convivência com amigos, vizinhos, a participação em projetos socioculturais, em grupos institucionalizados e/ou associações das mais diversas.

Com a pesquisa-intervenção encontramos o método da cartografia escolhida para mapear intensidades percebidas nos encontros com os jovens em seus fazeres artísticos, comunicacionais e comunitários. Entre os estudos interessou as contribuições de Gilles Deleuze

[3] A pesquisa envolve o Grupo de Pesquisa da Relação Infância de Mídia (Grim), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação na Universidade Federal do Ceará, em Fortaleza, e o Grupo de Pesquisa Educare — Micropolíticas Juvenis, no Programa de Pós-Graduação Psicologia Social e Institucional, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, além do Centro de Educação Popular (Camp) e do Fórum de Educação (Feres), ambos em Porto Alegre. Mais detalhes podem ser acessados no blog da pesquisa: <http://pesquisaintervencoes.blogspot.com.br>.

[4] A noção de território, nesse estudo, apresenta sentido alargado: "O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente 'em casa'. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços, culturais, estéticos, cognitivos" (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 323).

e Felix Guattari, bem como os desdobramentos propostos por pesquisas que entrelaçam fazeres e saberes das áreas de conhecimento em arte, comunicação, cinema e psicologia social. A cartografia tem como ênfase a dimensão processual da subjetividade, bem como o estudo de seu processo de criação e produção.

Em Fortaleza, a pesquisa tem acompanhado alguns coletivos propondo encontros em formato de Rodas de Conversa — um dos dispositivos da pesquisa-intervenção — e, de forma ainda mais próxima, a Associação de Moradores do Titanzinho, onde foi realizada a primeira Mostra Audiovisual que nos levou a encontrar distintas experiências audiovisuais comunitárias e juvenis e, ao mesmo tempo, conhecer modos de ser e habitar territórios geopolíticos e existenciais no Titanzinho e arredores. Em Porto Alegre, a pesquisa tem acompanhado, em particular, a experiência do Projeto Lente Jovem,[5] localizado na região do Arquipélago.

Em meio ao cotidiano dos centros urbanos, sobretudo nas ruas e bairros de nossas cidades, os jovens produtores audiovisuais fazem emergir composições singulares e coletivas, potentes de sentido em multiversos que, por vezes, se mostram geograficamente distantes e, ao mesmo tempo, próximos em se tratando de territórios existenciais. Esses territórios, com suas especificidades, a serem detalhadas na sequência, têm mostrado a capacidade de articulação e socialização entre organizações e coletivos, em grande parte, constituídos por jovens comunicadores, artistas e ativistas.

[5] O projeto, em sua 3ª edição, visa proporcionar experiências com a linguagem audiovisual junto a jovens entre 14 e 24 anos que vivem nas Ilhas, na região do Arquipélago. No decorrer do trabalho, serão abordados com mais detalhes as ações do projeto. O projeto é coordenado pelo Centro de Educação Popular (Camp), com o apoio da Petrobras, desde a primeira edição. São apoiadores deste projeto a Associação de Catadores de Material Reciclável da Ilha Grande dos Marinheiros, a Rede Integrada de Proteção à Criança e Adolescente do Arquipélago, a Fundação Fé e Alegria — Ação Rua e a Usina das Ideias. Disponível em <http://www.camp.org.br/?canal=lentejovem>.

O audiovisual na perspectiva dos processos singulares e coletivos[6]

> Não se trata de transmitir mensagens, de investir imagens como suporte de identificação [...], mas de catalisar operadores existenciais suscetíveis de adquirir consistência e persistência no seio do atual caos da mídia. (GUATTARI, 1991, p. 14-15)

Entre a multiplicidade de dispositivos comunicacionais e midiáticos, não por acaso, foram escolhidos os processos de criação e os modos de fazer circular produções audiovisuais realizadas por jovens. A ênfase no audiovisual foi pautada tanto pela emergência e relevância da imagem e sonoridade para os jovens e seus territórios geopolíticos e existenciais, onde a pesquisa acontece, como por sua intensa predominância no cenário contemporâneo.

Diversidade de produções artísticas e comunicacionais e experiência com as tecnologias de recepção e produção sonora, visual e audiovisual, intenso convívio com a programação televisiva, certa "fascinação" com a linguagem cinematográfica, participação em movimentos artísticos, culturais e comunicacionais, aprendizado com a fotografia e o processo de produção e gestão de vídeos comunitários e independentes. Estas foram algumas das experiências mapeadas nos territórios onde a pesquisa acontece.

Nesse estudo, analisam-se fragmentos e composições estéticas e afetivas presentes nas práticas e produções audiovisuais, em territórios de criação e resistência, bem como a incidência de tais fazeres-saberes nos processos de singularização das juventudes. Desse modo, segue-se no exercício teórico-metodológico delineando traços pertinentes ao estudo do audiovisual na perspectiva das experiências coletivas e singulares, realizadas em projetos artísticos e comunicacionais, agenciados e agenciadores de micropolíticas juvenis.

Se apresentando como uma linguagem acoplada a toda uma gama de discursos e materiais de expressão que se articulam por meio de imagens e sons, o audiovisual ao se configurar em obra, seja ela

[6] Nesse item, traremos outro estudo pontual intitulado: "O audiovisual na perspectiva da comunicação comunitária" (GORCZEVSKI, 2007).

cinematográfica, televisiva e videográfica (produto de processos, formatos, suportes, tecnologias, instituições e modos de circulação diversos), é, em cada uma destas modalidades, configurado de modo distinto e complexo.

Em princípio, essas ideias de integração de imagens em movimento e sonoridades estavam associadas ao cinema (GUBERN, 2003), no entanto, essas delimitações foram sendo diluídas e/ou absorvidas e recriadas tanto na televisão quanto no vídeo, independentemente do tipo de suporte ou canal em que serão mostradas (salas de cinema, ciclos de vídeo ou canais de televisão etc.). Cabe aqui ressaltar que, muitas vezes, a distinção entre essas diversas narrativas é bastante complexa, já que exibe características diferentes das que originalmente foram concebidas.

Vale considerar que a disseminação da linguagem audiovisual acontece ainda em grandes expansões por intermédio das tecnologias do sistema televisivo. E, esse processo não tem nada de inocente, ou melhor, como adverte Maturana (1999, p. 275):

> [...] la televisión participa en la configuración del espacio psíquico de la comunidad y el espacio psíquico configura las dimensiones o más bien cómo nos movemos en nuestras relaciones: cómo vemos, tocamos, oímos, reaccionamos o como nos emocionamos o qué preguntas hacemos.

De certa forma, convive-se com estas imagens e sons que, ao perturbarem povoando o imaginário, negociam processualidades de sentidos, subjetividades capitalísticas, segundo a Esquizoanálise, marcando a existência, ao longo da vida, interferindo nos modos de ver, perceber, conhecer, sentir, comunicar, agir, enfim, os modos de existir e conviver na contemporaneidade. A subjetividade, na perspectiva de Guattari (1996), implica o funcionamento de máquinas de expressão que podem ser tanto de natureza extrapessoal (sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos, mídia) quanto de natureza infrapessoal/infrapsíquica (sistemas de percepção, de sensibilidade, de afeto, de desejo, de imagens, de valor, de memorização, sistemas corporais, orgânicos, biológicos, fisiológicos etc.).

Nesse estudo, considera-se o audiovisual como linguagem mista, um sistema híbrido (MACHADO, 1992, 1993) processos e produtos de multiplicidades. E, desse modo, as experiências com imagens e sonoridades englobam estratégias ético-estéticas definidas desde as escolhas e os usos de distintos discursos e dispositivos, tecnologias e processos que permitem a criação e produção de múltiplas realidades.

Atentos a esta possível inovação nos modos de ver, intervir e inventar realidades, interessou observar e cartografar as intervenções juvenis com as linguagens audiovisuais, exercícios realizados a partir da apreciação dos agenciamentos coletivos desencadeadores de práticas micropolíticas juvenis em Porto Alegre e Fortaleza. E, entre outros aspectos, permitindo a análise das narrativas dos produtores e, em alguns casos, o acompanhamento dos processos de captura da imagem — matéria-prima — para suas possíveis transformações no processo pós-produção, também chamado de "atividade videográfica" (MACHADO, 1996, p. 49). Percursos que sugerem inquietações ao longo da pesquisa.

Os territórios geopolíticos e existenciais onde a pesquisa acontece

São muitas as formas de viver e habitar uma cidade. São também muitos os modos de uma cidade se apresentar a cada um de nós. Entre as distintas problemáticas que envolvem as cidades de Porto Alegre e Fortaleza, seus bairros e seus moradores, visualiza-se a prioridade desta pesquisa, ao tratar de questões ligadas aos modos de viver e as condições juvenis, suas formas de socialização, intervenção e invenção artística e comunicacional, em especial, expressões audiovisuais produzidas em projetos sociais e culturais organizados por jovens em ONGs, em alianças com elas ou por coletivos independentes.

Na contextualização desta pesquisa, evidenciamos aspectos sociais, culturais e geopolíticos de Porto Alegre e Fortaleza, atravessados por circunstâncias que atingiram distintos domínios de existência em nosso país.[7] Por um lado, o complexo espaço urbano de Fortale-

[7] No Brasil, os últimos dados apontam as famílias que recebem até cinco salários-mínimos, como a faixa de renda na qual estão concentrados 93% do déficit habitacional do País, estima-

za, com suas dezenas de bairros, remonta um pouco da aglutinação de muitas cidades do país, principalmente no que se refere às cidades da região nordeste.[8]

O relatório "Situação das Cidades do Mundo 2010-2011", divulgado pela Organização das Nações Unidas, durante o V Fórum Urbano Mundial —, apresenta a cidade de Fortaleza em 13ª colocação entre as cidades do planeta com mais desigualdades.[9] Os números acabam por apontar desafios a serem enfrentados pelo poder público, bem como organizações e coletivos da sociedade civil.

Vale atentar que em meio aos contextos de precariedade e segregação, em se tratando de juventudes e condições juvenis, inúmeras são as iniciativas encontradas — sejam elas no formato de coletivos, organizações e associações de bairro, grupos de amigos e vizinhos — que mobilizam processos de criação e resistência alargando as potencialidades comunicacionais, artísticos e comunitários.

No caso de Fortaleza, aproximamos dois contextos particulares em regiões litorâneas — Pirambu e o Grande Mucuripe.[10] O Pirambu é o sétimo maior em concentração de domicílios em aglomera-

do em 7,9 milhões de moradias. Dados do Boletim Editado pela Subsecretaria de Comunicação Institucional da Secretaria-Geral da Presidência da República. No 476, Brasília, 2 de fevereiro de 2007.

[8] De acordo com o censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, a cidade de Fortaleza ocupava o quinto lugar em população, somando um total de 2.447.963 pessoas. No caso de Porto Alegre, a cidade está na décima posição com 1.409.939 habitantes. E, em relação à população jovem, residente em Porto Alegre, os dados indicaram 17,4%, em 2009.

[9] Além de Fortaleza, outras seis cidades brasileiras: Goiânia, Belo Horizonte, Brasília, Curitiba, Rio de Janeiro e São Paulo. No relatório são apresentados critérios tais como: "Cinco são os catalisadores necessários para integrar os pobres e marginalizados na vida urbana estabelecida: melhor qualidade de vida, investimento na formação do capital humano, oportunidades econômicas sustentadas, melhor inclusão política e inclusão cultural". Disponível em: <http://agencia.ipea.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1063&Itemid=7>. Fortaleza, também enfrenta problemas, sobretudo no que se refere à violência urbana. De acordo com o Mapa da Violência 2011, considerando os anos de 98 a 2008, a cidade era a 6ª capital nordestina em números de homicídios entre jovens, apresentando 86,3%, e ocupando a 17ª posição no ranking nacional. Mapa da Violência 2011. Disponível em: <http://www.observatorioseguranca.org/pdf/2011mapa_Viol%EAncia.pdf>. Acesso em: 20/08/2012.

[10] De acordo com informações do IBGE, Fortaleza é a quinta capital do país a concentrar o maior número de domicílios em aglomerados considerados subnormais. Dados do IBGE 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/aglomerados_subnormais/agsn2010.pdf>.

dos[11] no país. No Serviluz, de acordo com o censo 2010, os números apontam para cerca de 480 domicílios localizados em aglomerados subnormais.[12]

Considerado por alguns pesquisadores "como sendo apenas mais uma ramificação marginal do velho Mucuripe", o Serviluz, nos estudos de André Aguiar Nogueira (2007) — jovem pesquisador, morador e participante da Associação dos Moradores — é visto como "um processo histórico instigante em um emaranhado de conflitos e resistências intrigas e partilhas". Tais modos de análise foram constituídos em narrativas ímpares de moradores que, como o autor, reconhecem na trajetória do bairro a presença de uma força singular e coletiva.

Titanzinho, no bairro Serviluz, em Fortaleza[13]

[11] É considerado aglomerado um conjunto constituído por no mínimo 51 (cinquenta e uma) unidades habitacionais (barracos, casas), ocupando ou tendo ocupado, até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) dispostas, em geral, de maneira desordenada e densa, e carentes, em sua maioria, de serviços públicos e essenciais. Fonte: Censo demográfico 2010: Aglomerados Subnormais — Primeiros Resultados. Censo 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2009. Acesso em: 20/08/2012.

[12] De acordo com o IBGE, aglomerado subnormal é o equivalente a assentamentos irregulares conhecidos como favelas, invasões, grotas, baixadas, comunidades, vilas, ressacas, mocambos, palafitas, entre outros. Fonte: Censo demográfico 2010: Aglomerados Subnormais — Primeiros Resultados. Censo 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2009. Acesso em: 20/08/2012.

[13] Fotografia de Maria Fabíola Gomes. Fortaleza, 2012.

Nas palavras de uma das entrevistadas de Nogueira (2007, p. 90) encontramos um modo de apresentar esse que também passou a ser o território de nossa pesquisa, em Fortaleza.

> [...] A comunidade é nós, todo mundo junto. A comunidade que eu entendo, e é, a gente tem que trabalhar todo mundo junto, mãos dadas [...] você sabe que uma vara quebra, duas varas, três varas quebra, mas quatro, cinco, seis ela já não quebra mais [...] isso é meu entendimento, a comunidade é nós tudo reunido, tudo unido, isso é que é a comunidade.[14]

A cidade de Porto Alegre também convive com uma parcela significativa de moradores vivendo em núcleos e "vilas irregulares", espaços que constituem o que as políticas governamentais denominam como a "subnormalidade".[15] Com problemáticas conjunturais e, de certo modo, estruturais, a cidade vem se desafiando e sendo desafiada. Ao compor um restrito rol de cidades que servem de referência mundial nos quesitos democracia e participação popular, esta metrópole afirma seus avanços sinalizando as ações que foram possibilitando tão valorosos e escassos atributos, contrastando-se com as paisagens nacionais e mesmo internacionais. Com o mérito de ter iniciado e mantido, ao longo dos anos, uma proposta de democratização de Orçamento Participativo (OP),[16] experiência que vem lhe retornando prestígio e intensa visibilidade pública.[17]

O Arquipélago, bairro da cidade de Porto Alegre, desde a sua geografia, onde convivem populações ribeirinhas, apresenta especi-

[14] Entrevista concedida por Maria Ferreira Dias ao pesquisador Nogueira, em 31/06/2006.

[15] De acordo com os dados do Mapa da Irregularidade Fundiária de Porto Alegre, constatou-se a precariedade de 73.392 moradias, que abrigam uma população de 287.161 habitantes com uma densidade domiciliar de 3,91 habitantes/domicílio. Segundo os dados deste mapa os núcleos e vilas irregulares atingem 14,57% das residências porto-alegrenses.

[16] O O.P. consiste em um processo onde a população decide sobre as prioridades de obras da prefeitura do município.

[17] Em 2012, Porto Alegre recebeu a XII Conferência do Observatório Internacional de Democracia Participativa (OIDP). Neste evento, apresentamos aspectos da pesquisa In(ter)venções Audiovisuais das Juventudes no painel "A procura de democracias de alta intensidade, a partir das contribuições das artes visuais". Mais informações podem ser encontradas no site: <http://oidp2012.com.br/wordpress/?page_id=59>.

ficidades e complexidades que demandam políticas com intervenções diferenciadas dos demais bairros da capital. Formado por ilhas e porções continentais com regiões de banhados, campos inundados e matas, situa-se no encontro dos rios Gravataí, Sinos, Jacuí e Caí, inserido no Parque Estadual APA Delta do Jacuí. No município de Porto Alegre, fazem parte dezesseis ilhas e, entre as mais conhecidas, encontramos a Grande dos Marinheiros, a do Pavão, a Pintada, a das Flores, a da Pólvora e a Mauá, que fazem parte da décima sétima região do OP.

Na pesquisa encontramos o Projeto Memória dos Bairros, em especial, o estudo "Arquipélago: Ilhas de Porto Alegre" composto por narrativas de moradores que apresentam suas trajetórias, modos de viver, habitar e, inclusive, se divertir com a presença e o gosto por filmes, música e circo.

> Nós tínhamos o cinema na Colônia, que era o seu Edgar que trazia uma vez na semana, eram uns filmes de mocinho, então era uma novidade, então enchia, lotava a Colônia. Durante a projeção do filme arrebentava o filme, acendia a luz e era aquela gritaria, então o pessoal levava laranja e comia lá dentro do cinema, o pessoal conversava e aí apagava a luz de novo e continuava o filme [...] tinha também circos com música ao vivo, circo era um sucesso aqui. Entrevista com Maria Pires dos Santos, dona de casa. (GOMES; MACHADO; VENTIMIGIA, 1995, p. 73)

Interessante observar a presença do cinema em distintos momentos, ou seja, desde as sessões de final de semana, no caso, cinema como espaço de encontro e diversão, passando também por espaço de realização, em especial, a produção do curta-metragem "Ilha das Flores",[18] do diretor e roteirista Jorge Furtado, uma produção um tanto polêmica que repercute, ainda hoje, nas vidas dos moradores

[18] "Ilha das Flores" recebeu o prêmio de melhor filme, melhor roteiro e melhor montagem no Festival do Cinema Brasileiro de Gramado em 1989, sem falar dos mais de onze prêmios no Brasil e de ganhar sete prêmios internacionais, entre eles o Urso de Prata para curta-metragem no International Film Festival de Berlim na Alemanha em 1990. Sem dúvida, esse foi um dos mais premiados curtas-metragens do mundo.

do Arquipélago, em Porto Alegre. E, mais recentemente, a experiência com o Projeto Lente Jovem,[19] coordenado pelo Centro de Educação Popular (Camp), onde jovens exercitam a linguagem audiovisual criando e produzindo imagens e sonoridades de si e das ilhas,[20] inclusive, na última edição, um vídeo problematizando o filme "Ilha das Flores", agora, como nomeiam, na versão dos ilhéus. Antes de trazer as análises de tais experiências vale atentar para as singularidades dos territórios da pesquisa, bem como as aproximações, em se tratando de comunidades periféricas litorâneas e ribeirinhas.

O Pirambu e o Serviluz, em Fortaleza e também as ilhas, em Porto Alegre, não estão na rota de visitação ou mesmo no percurso cotidiano das cidades. São territórios afastados, isolados do restante dos bairros e regiões. Pirambu e Serviluz se configuram como ilhas urbanas. Espaços onde conhecer implica a vontade e a decisão de ir cruzando as linhas de segregação e inventando percursos de conexão, por exemplo, com as potencialidades dos fazeres e saberes artísticos e comunicacionais, exercício que a pesquisa vem realizando, convidando jovens e moradores desses bairros a participarem de Rodas de Conversa, Oficinas e Mostra Audiovisuais, entre outras proposições.

Com as ilhas, em Porto Alegre, acontece da mesma forma, por ser uma região que, as pessoas conhecem por alguma circunstância ou condição específica, o desejo de conhecer é um dos principais impulsionadores para fazer com que alguém se desloque até o território. No entanto, diferente de Fortaleza, a configuração geográfica e o contexto de ilhas é o que mais a isola da cidade. E, assim como em Fortaleza, são territórios muitas vezes esquecidos e segregados do convívio, em nossas cidades, provocando o debate sobre as condições — políticas, urbanas, sociais, culturais, afetivas etc. — vitais para a invenção e fortalecimento da experiência coletiva e singular.

[19] O projeto, criado por Maurício Farias, Beatriz Hellwig e Álvaro Benevonuto tem na coordenação as educadoras Beatriz Gonçalves Pereira, que também coordena o projeto Arquipélago — Território de Direitos, e Daniela Oliveira Tolfo.

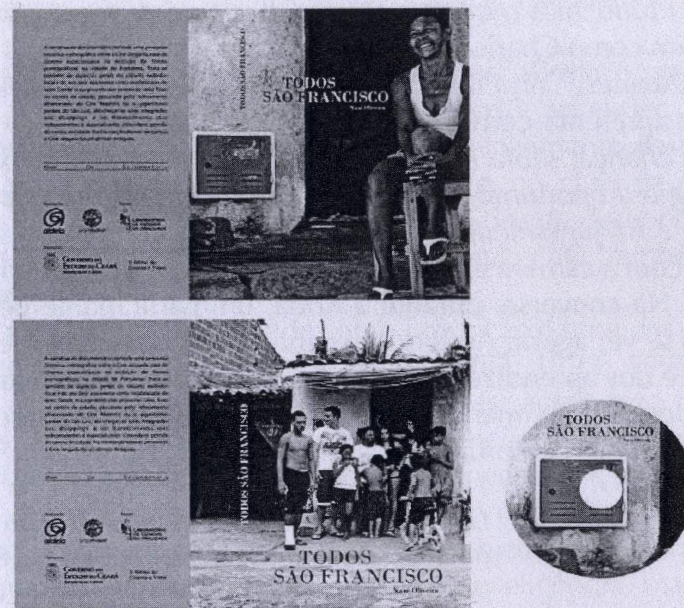
[20] Na 3ª edição, os jovens produziram, com a assessoria dos educadores Leonardo Dorneles, musicalização, Hopi Chapman e Alberto Souza (Beto), criação e produção audiovisual — captação de imagens, roteiro e edição — cinco vídeos: Semana das Ilhas 2011; Os carroceiros II, Drogas; Ilha das Flores — ponto de vista dos ilhéus e Levante Popular da Juventude.

Experiências e narrativas produzindo imagens e sonoridades de si e do mundo

> [...] identidade e singularidade são duas coisas completamente diferentes. A singularidade é um conceito existencial; já a identidade é um conceito de referenciação, de circunscrição da realidade a quadros de referência [...] A identidade é aquilo que faz passar a singularidade de diferentes maneiras de existir por um só e mesmo quadro de referência identificável. (GUATTARI E ROLNIK. 1996, p. 68-69)

Ao cartografar experiências com jovens e as tecnologias de imagem e sonoridade a pesquisa In(ter)venções encontrou ideias-conceitos desde os nomes escolhidos e, entre eles, chamou a atenção Lente Jovem, Nós da Mídia, Escola de Mídia, Titanzinho Digital, Olho Mágico, nomes criados por jovens e educadores que atuam em projetos, organizações e coletivos em Porto Alegre e Fortaleza.

Nesse trabalho, priorizamos analisar as narrativas de jovens que apresentaram experiências de intervenções audiovisuais nas Rodas de Conversa, em Fortaleza e nos encontros e entrevistas, em Porto Alegre. O exercício de escuta das narrativas dos jovens Anderson, Charliane e Vanessa[21] e as análises de suas produções audiovisuais possibilitou conhecer aspectos de como produzem sentidos do mundo e de si inventando outros modos de expressão artística e comunicacional dissonantes das marcas midiáticas do viver nas periferias urbanas.

Inicialmente, apresentamos as narrativas de Charliane e Anderson, de Fortaleza, que traduzem esse mergulho em seus territórios de criação e resistência. Charliane participou do projeto Escola de Mídia, coordenado pela ONG Aldeia,[22] localizada no Morro de Santa Terezinha, no Grande Mucuripe, em Fortaleza. Nesse território, Charliane vive com oito irmãos e a mãe, todos protagonistas do curta "Todos são Francisco",[23] que produziu e dirigiu, em 2010.[24]

Capa do DVD do filme "Todos são Francisco", de Charliane Oliveira[25]

[21] Os nomes citados são dos jovens que narram suas experiências e das pessoas citadas por esses. Todos as narrativas apresentadas, neste trabalho, foram transcrições de falas em Rodas de Conversa, Vídeos e Entrevista realizada entre agosto de 2011 a julho de 2012, por diferentes pesquisadores do Coletivo de Pesquisa In(ter)venções. Essas narrativas estarão indicadas em itálico.

[22] Organização não governamental sem fins lucrativos, fundada no ano de 2004, atua no Grande Mucuripe, uma área geográfica que abrange cerca de seis bairros e mais de uma dezena de comunidades. A sede da ONG funciona no Morro de Santa Terezinha. O grupo tem atuado nas áreas de comunicação, cultura, educação e audiovisual, todas voltadas especificamente para as juventudes. Seu primeiro projeto, também o mais longo, Escola de Mídia, foi iniciado em 2005 e replicado por quatro anos. Em 2009, tornou-se Pontão de Cultura Digital via o edital do Ministério da Cultura (Minc), passando a trabalhar em todo o Ceará, na articulação dos Pontos de Cultura. Em 2010, a Aldeia, juntamente com Instituto Marlin Azul (ES), realizou o 6º Festival de Realizadores de Audiovisual do Mercosul com o objetivo de divulgar e incentivar a linguagem audiovisual produzida por jovens realizadores.

[23] O curta participou da Mostra KinoOikos, Formação do Olhar, do 21º Festival Internacional de Curtas-metragens de São Paulo e ganhou o Prêmio Sesc TV para diretores estreantes. Disponível em <http://www.kinooikos.com/acervo/video/24415>.

[24] O curta foi produzido a partir da seleção no primeiro edital da Secretaria do Audiovisual (Minc) para projetos de roteiros de jovens egressos de projetos sociais, de instituições não governamentais que trabalham o audiovisual como linguagem.

[25] Na capa as fotografias são de Camila Leite Araújo e design de Samuel Tomé, ambos foram educadores da ONG Aldeia, coordenada por Valdo Siqueira, em Fortaleza.

Interessante observar como Charliane fala das afinidades com o projeto e a produção audiovisual: "*Fazer vídeo foi uma coisa que eu me encontrei [...] é bem bacana porque eu posso fazer câmera, ou roteiro, ou mesmo edição, eu não preciso fazer uma coisa só, eu gosto de fazer tudo, mas o que mais gosto mesmo é de fazer câmera*".[26]

Assim como Charliane, Anderson começou fazendo as oficinas na ONG Acartes,[27] no Pirambu, onde mora, em Fortaleza. A fala de Anderson apresenta como se deu esse percurso: "*Conheço a Acartes desde criança, sabia mais ou menos o trabalho do pessoal de lá. Então surgiu a oportunidade de fazer um curso de formação, eu me interessei e fiz juntamente com alguns amigos [...]*". Hoje, além de trabalhar com a câmera e com edição, Anderson é um dos oficineiros da ONG. Na conversa, durante a Roda, um participante perguntou como ele se vê, agora. Anderson se apresenta como editor e fala do seu gosto e dos aprendizados ao realizar oficinas com jovens dos assentamentos do Movimento Sem Terra (MST), atual projeto da Acartes, nos arredores de Fortaleza.

> *Desde o ano passado que a gente vem fazendo uma oficina com o pessoal do MST... e a gente passou duas semanas com vinte jovens de vários acampamentos do Ceará, realizando oficinas de audiovisual... e foi muito bom passar esse tempo com eles, porque eu aprendi muita coisa e vi que não é nada do que as pessoas dizem sobre eles e a maneira como eles vivem. São pessoas normais que só querem terra pra plantar e criar e é um direito deles. Aprendi também como eles fazem diversas coisas como a farinha, eu nunca tinha visto e nem sabia como era que se fazia. Então nesses dias que eu passei com eles eu aprendi muitas coisas e também pude ensinar um pouco do que sei pra eles.* (Anderson, transcrição da fala na III Roda de Conversa, em setembro de 2011)

Anderson, ao narrar suas experiências, afirma o potencial de mudança dos modos de olhar outros jovens e aprender, inclusive, com suas distintas condições de vida. O envolvimento desses jovens com os processos de criação em oficinas e, no caso de Anderson, também na edição, vem propiciando exercícios de desconstrução de estigmas e preconceitos reforçados, cotidianamente, também na mídia tradicional.

Conceber a subjetividade como produção é uma das principais perspectivas apresentadas por Guattari (1987; 1992; 1995) para se analisar as sociedades capitalísticas. Para esse autor, uma das características dessa produção tem sido a tendência a inibir processos de singularização e instaurar processos de individualização. Nessa perspectiva, o autor ressalta o papel estratégico da mídia, agindo como uma máquina que opera "no núcleo da subjetividade humana, não apenas no seio das suas memórias, da sua inteligência, mas também da sua sensibilidade, dos seus afetos, dos seus fantasmas inconscientes" (GUATTARI, 1992, p. 14).

Charliane também comenta sobre mudanças nos modos de ver o mundo a partir de suas experiências com a criação e produção audiovisual. Depois de participar da primeira edição do Escola de Mídia, se manteve próxima ao trabalho da Aldeia recebendo, inclusive, algumas propostas de produções audiovisuais e autobiográficas como narra, a seguir:

> *[...] fazer um vídeo, bem autoral assim [...] eu fiz assim um pequeno assim... o nome do vídeo é "Em nome da mãe" [...] porque eu não tinha uma relação muito boa com a minha mãe, pra falar a verdade. Aí, dentro desse vídeo, que despertou esse olhar. Conhecer um pouco mais de mim e da minha mãe e da minha família, porque assim "Todos são Francisco" surgiu disso, do "Em nome*

[26] Transcrição da fala de Charliane na II Roda de Conversa, em agosto de 2011, em Fortaleza.

[27] A Academia de Ciências e Artes (Acartes) é uma organização da sociedade civil criada em 2002 no bairro Pirambu, em Fortaleza, por remanescentes de antigos movimentos culturais do bairro — Movimento Cultural e Político do Pirambu (Mocupp), Centro de Ativação Cultural (CAC) e o Centro Popular de Cultura (CPC). A organização desenvolve ações de formação em cinema e vídeo, artes plásticas, teatro de palco e de bonecos para jovens da região. Em 2004, a ONG foi selecionada pelo Ministério da Cultura, Secretaria de Programas e Projetos Culturais, para ser um Ponto de Cultura, aumentando de 40 para 150 a participação de jovens. Desde 2010, por intermédio de uma parceria com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária do Ceará (INCRA/CE) realiza oficinas audiovisuais com jovens de onze assentamentos rurais do MST do Ceará.

> *da mãe". Porque eu tinha uma relação muito complicada [...]* (Charliane, transcrição da fala na II Roda de Conversa, em agosto de 2011)

No processo de criação do roteiro e, posteriormente, na edição dos vídeos autorais, Charliane se aproxima dos irmãos, chegando mais perto do que sentem com a ausência do pai. E, ao se aproximar, amplia também os modos de se relacionar e conviver com sua mãe. Experiências que forçam o pensamento. Pensar em suas conexões com o mundo mais próximo, mais familiar e, ao mesmo tempo, distante e desconhecido. Emoções que mobilizam e são mobilizadas no exercício da escrita do roteiro e realização e produção de "Todos São Francisco".

> *[...] aí eu pensei num roteiro. O que é que eu ia falar nesse roteiro. Aí surgiu esse "Todos são Francisco". Porque eu me conheço, eu sei quais eram as minhas dificuldades e não conhecia o meu pai e eu não sabia dos meus irmãos... e como é que eu poderia contar isso? Eu me surpreendi com eles, porque eu não sabia que fazia tanta falta, fiquei... o vídeo todo... assim... meio que sempre tendo uma surpresa a cada dia... tendo uma surpresa... tipo terminava tinha uma surpresa. Primeiro porque era primeira vez que eu dirigia... que antes era o que... a produção em grupo, e dessa vez não, dessa vez era eu lá na frente. Aí eu... tipo... nossa... "pera aí"... vamo com calma [...]. Eu me surpreendi a cada dia com esse vídeo por conhecer. Porque a partir desse momento eu comecei a conhecer minha família.* (Charliane, transcrição da fala na II Roda de Conversa, em agosto de 2011)

Entre as muitas surpresas, Charliane se depara com as imagens de sua mãe expressando os modos de vê-la com opiniões e afetos, gestos e palavras: *"A Charliane é uma menina boa só que ela é muito opiniosa, muito zangada, se zanga fácil, mas eu amo muito ela".* (Mãe de Charliane, fala transcrita do vídeo "Todos São Francisco", exibido na II Roda de Conversa, em agosto de 2011).

Nessas abordagens, parece oportuno problematizar a produção de subjetividades nas práticas de audiovisuais configuradas por desejos de outras imagens e sonoridades de si e do mundo. Escutar o modo como somos percebidos pelo olhar do outro é também um exercício que perturba e provoca a escuta do outro como legítimo outro, um exercício não menos intenso quando o outro está tão perto e tão longe, ao mesmo tempo.

Charliane também se surpreende na escuta de um de seus irmãos explicitando o desejo de conhecer o pai, um desejo que não imaginava ser assim tão forte. *"São oito irmãos né, oito pais diferentes... mas só que uns já viram a foto, outros já viram e no meu caso não, eu nunca vi o meu pai, não sei como é, se parece comigo e eu sempre tenho vontade né"* (Irmão de Charliane, fala transcrita do vídeo "Todos São Francisco", exibido na II Roda de Conversa, em agosto de 2011.

Ao analisar a situação da ausência paterna, nesse trabalho, de modo ainda inicial, leva-se em consideração a condição de "desfiliação" juvenil, proposta nos estudos de Oliveira (2001) que se encontra resumido no texto "Cadê o pai que (não) estava aqui?".[28] Nesse estudo, a autora analisa essa "[...] suposta tendência à desfiliação do brasileiro e suas implicações para o desenvolvimento da autonomia" (OLIVEIRA, 2001, p. 83). Desse modo, distingue alguns comportamentos relativos à vivência do que também denomina, citando os estudos de Darci Ribeiro, de "ninguendade"[29] brasileira. Procurando, ao positivar uma conduta, demonstrar também outras dimensões vividas como o "trágico e o ressentimento". Para esse estudo interessa pensar o modo de reconstruir essa ausência. Como afirma Oliveira (2001, p. 83), ao estarem ausentes as figuras paternas "[...] poderia ser menos custoso para estes jovens fazerem experimentações de desprendimento familiar, de desidealização dos pais, de resistência aos ideais transcendentes".

Parece interessante observar que os processos de singularização estão relacionados aos modos como, em princípio, funcionam e se articulam os elementos que constituem o ego, ou melhor, "a maneira como a gente sente, como a gente respira, como a gente tem

[28] OLIVEIRA, 2001, p. 82-86.

[29] RIBEIRO, citado por OLIVEIRA, *op. cit.*, p. 84.

ou não vontade de falar, de estar aqui ou de ir embora" (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 69). E, nesse momento, inclusive, a maneira de estar percebendo modos distintos de experienciar processos de criação e produção de imagens de si e do mundo.

Como vimos anteriormente, Charliane fala que se encontrou fazendo vídeos e afirma que é com isso que quer trabalhar. *Fazer vídeo foi uma coisa que eu me encontrei... Assim [...] quero trabalhar com isso...*[30]. É também interessante ver como Charliane passa por transformações depois de ter participado das oficinas na Aldeia.

> *Depois que eu entrei na Aldeia, eu passei a olhar o bairro e o próprio audiovisual de uma forma diferente, hoje eu tenho uma visão mais crítica de tudo o que acontece, e isso só aconteceu depois da Aldeia...* (Charliane, transcrição da fala na II Roda de Conversa, em agosto de 2011)

Anderson também conta como é perceber as pessoas e o próprio bairro onde vive depois do envolvimento com o audiovisual:

> *Através da Acartes eu conheci outras experiências, abri minha visão pra algumas coisas que não entendia. Também tenho muito orgulho de morar lá, porque é um lugar que tem muitas pessoas boas, tem opção de lazer pra gente, é diferente do que os outros dizem. Tenho muito orgulho de morar lá e mostrar o bairro pra outras pessoas, de apresentar mesmo porque tem muita gente que tem medo de lá que só conhece por causa da violência ou então por causa do Pirambu Digital, que foi uma coisa que deu certo lá no bairro.* (Anderson, transcrição da fala na III Roda de Conversa, em setembro de 2011)

No vídeo, Charliane apresenta não só os que fazem parte de sua vida, mãe e irmãos, mas aquilo que vivencia cotidianamente. Pessoas conversando nas calçadas, mães levando seus filhos à escola, crianças brincando nas ruas e a escolha de mostrar as casas por cima,

[30] Charliane, transcrição da fala na II Roda de Conversa, em agosto de 2011.

um panorama de como a comunidade se estrutura. O vídeo apresenta um olhar atento ao cotidiano, compondo e apresentando esse território que também é existencial.

A experiência no projeto Lente Jovem, nas ilhas, em Porto Alegre, também sugere a emergência de composições um tanto inusitadas. E, antes de apresentar narrativas e análises dos encontros e entrevistas com jovens e moradores, cabe ressaltar a proposta temática desta terceira edição: "Jovens Olhares sobre o Arquipélago".

Convite do Projeto Lente Jovem, 2012

Na pesquisa acompanhamos praticamente todos os momentos,[31] embora pontualmente, devido à distância geográfica, participando de encontros, gravando oficinas, acompanhando os debates dos temas escolhidos para os roteiros, convidando os jovens e educadores a participar de Rodas de Conversa, junto ao coletivo de pesquisa PET Conexões, na UFRGS, e o Grupo de Pesquisa Educação e Micropolíticas Juvenis,[32] bem como nas ações compartilhadas com o Projeto Na Boa em PoA.[33] E, ainda, com as entrevistas-conversas realizadas com educadores e jovens participantes do projeto.[34]

As narrativas de Vanessa tomaram nossa atenção, em especial, por ela ter participado das duas últimas edições com experiências diferenciadas. No projeto os jovens formam pequenos grupos e, na primeira experiência, Vanessa e seus colegas escolheram contar a vida dos moradores de rua em Porto Alegre. Ela não esconde a surpresa do encontro com os diferentes "porquês" que levaram seus entrevistados a escolher a rua como território existencial.

> *[...] a gente passava pela rua e pensava: "eles estão aqui por que querem". A gente não conhece a realidade deles, mas conversando com eles é bem diferente [...] eles não estão ali por que querem, por exemplo, eu conheci um rapaz que ele tava ali porque ele brigava muito com o pai [...] eu conheci também um senhor que foi abandonado pela família, a família dele abandonou ele, ele tava*

[31] O projeto propõe aos jovens um Curso de Vídeo com encontros, oficinas e estágio de captação de imagens e edição, durante doze meses. Os encontros acontecem mesclando exposições, reflexões e debates em temas como história do cinema, da televisão e questões relacionadas as juventudes. As oficinas temáticas envolvem experiências com musicalização, improvisação, operação de equipamentos de filmagens, enquadramentos, movimentos de câmera e trabalho de campo para a produção dos vídeos (elaboração de roteiro, filmagem e edição). Também acontecem Oficinas Técnicas, tais como: Técnicas da imagem — produção audiovisual, técnicas de roteiro: o que é um roteiro?, Técnicas simples para elaboração — Edição: o que é edição?, Técnicas e reflexão sobre a estética da edição. E, por último, os jovens realizam estágio com orientação e apoio à captação de imagens e edição.

[32] Grupo de Pesquisa coordenado pela professora Nair Iracema Silveira dos Santos, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, na UFRGS.

[33] Projeto coordenado pela professora Clarisse Abrahão, no InovaPoA. Prefeitura Municipal de Porto Alegre.

[34] Inclusive, entrevistando um de seus criadores, o antropólogo Mauricio Farias.

> *ali, ele chorou quando tava contando pra gente, tava muito emocionado, daí [...] eu conheci uma mulher, um casal que perdeu a casa, prendeu fogo e a única opção foi a rua [...]. Ah, a gente pensava: "ah, tá ali porque quer, a maioria que tá ali é porque quer", mas vê que é bem diferente, né?.* (Entrevista-conversa realizada com Vanessa, em junho de 2012)

Na terceira edição, Vanessa se envolveu com a escolha dos temas de dois grupos e acabou participando de ambos, tendo funções diferentes,[35] Nesse estudo, analisamos a experiência que se propôs como um contraponto, ou ainda, outra versão do "Ilha das Flores", de Jorge Furtado. Vanessa narra o seu envolvimento no processo de criação, ou melhor, cocriação, em se tratando de produções audiovisuais coletivas e singulares.

> *[...] agora, nessa terceira edição, voltei a assistir o "Ilha das Flores" [...] o documentário do Jorge, né! Daí, até o Hopi [educador do Lente Jovem], não sabia que o Curta foi gravado na Ilha Grande [...] e aí a gente disse pra ele que esse filme foi realmente gravado na Ilha Grande dos Marinheiros e que até aparece no documentário, no finalzinho ali [...] que as cenas foram feitas na Ilha Grande. Daí, então, [...] vamos fazer um contraponto pra dizer que isso é mentira, que não é bem assim. Que isso aí puxa mais para a ficção porque as pessoas não comiam dos porcos, porque ali ele colocava que as pessoas eram menos que os porcos. Daí, vamos fazer isso, então, daí a gente tava com essa ideia. A gente foi indo, foi fluindo e tal. A gente ficou nessa de fazer a nossa!! A nossa versão do "Ilha das Flores"! Fazer pra dizer que não é bem assim, que não foi na Ilha das Flores e que ele botou esse nome só porque a Ilha das Flores era mais fácil de sucesso, comercialmente... Quando a gente fala*

[35] O outro tema foi o Levante da Juventude e, nesse audiovisual, Vanessa foi, inclusive, uma das entrevistadas.

de um documentário com o nome de Ilha Grande não ia ter muita repercussão assim não [...] como teve. (Entrevista-conversa realizada com Vanessa, em junho de 2012)

Vanessa, Felipe e Christofer na filmagem do vídeo "Ilha das Flores — ponto de vista dos ilhéus". Porto Alegre, 2012[36]

Nos estudos de Guidotti (2010), encontramos questões muito próximas às produzidas por jovens e moradores das ilhas, questões estas que forçam a pensar e, no caso dos jovens, a produzir a versão "Ilha das Flores — ponto de vista dos ilhéus".[37] Então, que questões foram essas? Nos estudos de Guidotti (2010, p. 7) as perguntas foram assim formuladas:

[36] Fotografia de Hopi Chapman, educador do Projeto Lente Jovem, na ONG Camp, em Porto Alegre.

[37] Uma das estratégias de difusão das produções audiovisuais do Projeto Lente Jovem foi inseri-las no Youtube. Veja o "Ilha das Flores (ponto de vista dos ilhéus)" <http://www.youtube.com/watch?v=kBEnS2GJQH8&feature=relmfu>.

Ora, o que poderia ser mais doloroso do que seres humanos estarem abaixo de porcos numa escala de prioridade? A situação absurda nos contamina com sensações, faz emergir a imagem-tempo e seus devires. Diante de tamanha miséria, fica o silêncio, a contemplação, a impossibilidade de agir. A sensação arrebatadora produz o tempo, o pensamento. Uma questão que vale ser levantada é: Por que "Ilha das Flores" foi composto dessa forma? Por que dar um tratamento irônico a uma questão tão trágica?

E, ao buscar respostas, oferece rastros de como foi encontrando novas perguntas:

Algumas das intenções do autor podem ser verificadas através da leitura de anotações feitas por Furtado no roteiro de "Ilha das Flores", ou ainda em seu livro *Um astronauta no Chipre*. Jorge Furtado diz ter utilizado algumas estratégias para que um filme sobre o lixo, solicitado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, não acabasse restrito ao espaço acadêmico [...].

No caso dos jovens, estudantes de escolas municipais, moradores das ilhas e participantes do Lente Jovem, o curta deixou marcas nada leves, apesar das manifestações que afirmam a relevância do vídeo por tratar dos descasos com a vida nas periferias urbanas. Nas entrevistas, realizadas no vídeo, alguns moradores expressam bem esse sentido paradoxal.

Primeiro, o filme foi feito na Ilha Grande dos Marinheiros. E, quando o pessoal que mora na Ilha das Flores viu o filme se indignou com tamanha barbaridade (!) ser feito aqui na Ilha Grande e levar o nome de Ilha das Flores[...]. Pela grande propagação que teve o filme fora houve a exclusão, aqui. As pessoas não queriam mais saber de nós até chegar um ponto que nós também tínhamos

> *vergonha e não queríamos sair da Ilha para trabalhar fora. [...] Sei que é um filme que tem um teor educacional enorme! Eu sei que é um filme que deu exemplo para vários países no mundo. E eu sei que ele foi muito importante, mas pra nós ele nos destruiu, nos atrasou décadas de desenvolvimento.* (Transcrição da entrevista com Rosa Motta no vídeo "Ilha das Flores — ponto de vista dos ilhéus")

Ao assistir o vídeo "Ilha das Flores — ponto de vista dos ilhéus", na última Roda de Conversa,[38] na UFRGS, enfatiza-se o exercício crítico dos jovens, um exercício de desconstrução de argumentos apresentados tanto no "Ilha das Flores" como no "Fraternidade",[39] segundo vídeo de Jorge Furtado, que retoma a temática das Ilhas. Uma proposição que encontrou nas narrativas dos entrevistados a força e a intensidade de quem ainda vive as marcas produzidas, intencionalmente, se analisarmos as palavras do diretor e roteirista, em suas anotações, na introdução do roteiro original, como apresenta a Guidotti (2010, p. 8).

> [...] sua intenção foi mostrar de forma absurda uma situação absurda: "seres humanos que, numa escala de prioridade, se encontram depois dos porcos. Mulheres e crianças que, num tempo determinado de cinco minutos, garantem na sobra do alimento dos porcos sua alimentação diária". Furtado diz ainda: "para convencer o público a participar de uma viagem por dentro de uma realidade horrível, eu precisava enganá-lo. Primeiro tinha que seduzi-lo, e depois dar a porrada.

[38] VII Roda de Conversa realizada no dia 7 de julho de 2012, no Instituto de Psicologia da UFRGS.

[39] "Fraternidade" é um dos sete filmes da campanha "Valores do Brasil" do Banco do Brasil, cada filme aborda uma virtude diferente: afeto, alegria, confiança, conhecimento, fraternidade, identidade e originalidade, resultado de pesquisa encomendada pelo próprio banco. Jorge Furtado escolhe fazer um filme retomando o curta-metragem "Ilha das Flores", realizado em 1989, na Ilha dos Marinheiros, onde afirma, "ainda há uma comunidade muito pobre". A campanha foi veiculada no horário nobre da TV aberta entre 23 de dezembro de 2004 a 4 janeiro de 2005. <http://www.youtube.com/watch?v=q3kw0Z_rJbw>.

Vanessa pergunta sobre o nome escolhido por Furtado: *Por que não Ilha do Lixo, ou Ilha Grande dos Marinheiros. Por que Ilha das Flores?* E segue a narração do vídeo, respondendo: *Ilha das Flores teria muito mais repercussão. Ilha das Flores é mais fácil associar com lixo* — já que, no documentário, Jorge diz: "há poucas flores na Ilha das Flores".[40]

"Ilha das Flores" é um filme que força a pensar, como Guidotti (2010) bem analisa em seus estudos da obra do diretor. Inclusive, provocando críticas como a realizada por Juremir Machado (1989): "Trata-se de uma obra redundante, demagógica, apelativa e incapaz de permitir a atividade do intelecto alheio. [...] Formalmente, é uma cartilha para analfabetos."

Após quinze anos, sem ter voltado às ilhas, Furtado escolhe produzir outro curta, agora, com o nome-conceito de "Fraternidade". Nos encontros com a gurizada do Lente Jovem, escutamos muitas críticas sobre o que, para alguns, foi um "pedido de desculpas", ou, ainda, a ideia de que Jorge Furtado busca dar "respostas" às críticas dos moradores das ilhas. Usando do dispositivo — carta endereçada ao ator Paulo José, Jorge Furtado propõe "ajudar" os moradores da ilha. Nas palavras e nas imagens que tomam a tela, apresenta suas boas intenções.[41] No entanto, o conceito de "Fraternidade" parece não ter o mesmo sentido ao analisarmos as narrativas dos jovens e de alguns moradores que vivenciam, cotidianamente, o que, nas palavras do próprio Furtado, precisa ser combatido, ou seja, a "injustiça".

[40] Transcrição da narrativa de Vanessa no vídeo "Ilha das Flores — ponto de vista dos ilhéus".

[41] "Eu espero que o filme tenha ajudado alguém a pensar sobre a injustiça social. Esse é o primeiro passo para acabar com a injustiça social. Filmes também servem para isto. Pensar é o primeiro passo, mas não o único possível. Acho que o filme ajudou pouco as pessoas que moravam e ainda moram na ilha. Não sei, nunca mais voltei lá. Aí pensei que a gente podia voltar lá, mostrar cenas do mesmo lugar há quinze anos e hoje. Podíamos fazer um filme sobre Fraternidade e, ao mesmo tempo, ajudar os moradores da Ilha dos Marinheiros. Nós podemos usar uma parte da produção do filme para fazer obras na ilha. Construir uma cozinha, banheiros, uma sala para cursos e reuniões, podemos construir também uma quadra de esportes e fazer ainda uma nova rede elétrica para o galpão de reciclagem do lixo. Achei que era uma boa ideia — fazer um filme e, ao mesmo tempo, melhorar um pouco a vida das pessoas de verdade, na verdadeira Ilha dos Marinheiros. Talvez isso motive outras pessoas, outras empresas, outros bancos, a ajudar outras comunidades carentes. Um país como o nosso, tão rico e com tanta pobreza — Fraternidade é, principalmente, dividir melhor a riqueza. O que tu acha? Vamos fazer?" (Transcrição da carta)

Dizem que numa guerra alguns têm que ser prejudicados para uma maioria vencer, né. Eu acredito que nessa guerra nós fomos os prejudicados [...]. Tivemos conhecimento do filme, as pessoas que moram aqui, dez anos depois, mas a repercussão na vida das pessoas que moram na ilha, as raras pessoas que estavam conseguindo trabalhar fora, o que aconteceu com elas? Elas eram demitidas. "Ah! Tu é da ilha que come a comida dos porcos" [...]. As pessoas não entendiam. "Ah, nós não queremos que vocês trabalhem mais aqui". Quando falavam das ilhas, da Ilha Grande, Ilha das Flores eles iam excluindo, excluindo, excluindo [...]. (Transcrição da entrevista com Rosa Motta no vídeo "Ilha das Flores — ponto de vista dos ilhéus")

Conclusões

Na pesquisa-intervenção, a produção de subjetividade constitui matéria-prima das intervenções audiovisuais. Ao criar, realizar e inventar modos de fazer circular produções audiovisuais, o jovem produz imagens e sonoridades de si e do mundo incidindo e fazendo emergir composições múltiplas e heterogêneas. Nas produções audiovisuais os jovens narram histórias expondo e mapeando tanto as dificuldades, queixas, ressentimentos como peripécias, potencialidades, resistências e inventividade para construírem travessias singulares e coletivas.

O audiovisual na perspectiva da arte e da comunicação vem assumindo um lugar de destaque, no cenário sociocultural e político brasileiro. Agindo, inclusive, como intercessor na criação de outras expressões de visibilidade humana e social. Desse modo, observamos as in(ter)venções audiovisuais como práticas micropolíticas configuradas por agenciamentos coletivos que alimentam e são alimentados pelo cenário comunicacional, artístico, comunitário e juvenil.

O exercício de inventividade e resistência tem sido fomentado por diversos fatores e experiências comunicacionais e artísticas com jovens e seus modos de viver e habitar as cidades, em especial, suas "ilhas" geográficas e afetivas. Nos encontros, rodas de conversa e mostras audiovisuais iniciamos o fazer cartográfico, esboçando mapas, linhas, imagens e sonoridades. Habitar o que acontece, o que emerge do encontro, da convivência, traçados de linhas e não mais pontos. Ocupar o lugar do meio, entremeio, que por ser meio, e não metade, nem média, como afirma Deleuze e Guattari (1995, p. 37) "[...] ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade." Entremeio que também por ser "entre" remete as dobras e redobras na superfície que emerge do encontro entre imagem e sonoridade, inventando outras versões de si e do mundo.

Referências

AGUIAR, K. F. e ROCHA, M. L. Micropolítica e o Exercício da Pesquisa-intervenção: Referenciais e Dispositivos em Análise. *Psicologia Ciência e Profissão*, 27 (4), 648-663, 2007.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Traduzido por Peter Pál Perbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____. *Crítica e clínica*. Traduzido por Peter Pál Perbart. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *Mil platôs*. v. 1. Rio de Janeiro: Editora 34,1995.

GOMES, J.J., MACHADO, H.V.S., VENTIMIGIA, M.A. *Arquipélago: Ilhas de Porto Alegre. Memória dos Bairros*. Porto Alegre: EU/Porto Alegre, 1995.

FURTADO, Jorge. *Roteiro original Ilha das Flores*. Disponível em: <http://www.casacinepoa.com.br>.

GORCZEVSKI, Deisimer. *Micropolíticas da Juventude e Visibilidades Transversais: In(ter)venções audiovisuais na Restinga em Porto Alegre*. Tese de doutorado. Pós Graduação em Ciências da Comunicação. Unisinos. 2007.

_____. PELLANDA, Nize M. Campos. Projeto Capilaridade, In: PELLANDA N., SCHLUNZEN, E. SCHLUNZEN K. Jr. (Orgs.). *Inclusão digital — tecendo redes afetivas/cognitivas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 97-112.

GUBERN, Roman. *Del Bisonte a la realidad virtual: La escena y el Laberinto*. 3ª ed. Barcelona: Anagrama, 2003.

GUATTARI, Félix. Linguagem, Consciência e Sociedade. In: *Revista Saúde e Loucura*. 2ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1991.

GUATTARI, F. *Caosmose.* Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
______. *Revolução molecular — pulsações políticas do desejo.* 3ª ed. São Paulo: Brasiliense. 1987.
______. *As três ecologias.* Campinas: Papirus, 1995.
GUATTARI, F; ROLNIK, S. *Micropolítica: Cartografias do Desejo.* 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
GUIDOTTI, Flávia Garcia. *Dez mandamentos de Jorge Furtado: cartografia em três platôs.* Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. Unisinos, 2010a.
______. *Movimento e tempo em Ilha das Flores.* Trabalho apresentado no VIII Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sul. ANPED-SUL. Universidade Estadual de Londrina, 2010b.
KASTRUP, Virgínia. *A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição.* Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
MACHADO, Arlindo. *Máquina e imaginário: o desafio das poéticas tecnologias.* 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
______. O vídeo e sua linguagem. In: Revista USP. *Dossiê Palavras/Imagem.* São Paulo. n. 16, 1992/1993.
______. O filme-ensaio. *Revista Concinnitas.* Ano 4, v. 5, dez., 2003. Disponível em: <www.concinnitas.uerj.br/resumos5/machado.pdf>. Acesso em: 20/06/2012.
MATURANA, Humberto. *Lenguage e Televisión.* In: *Transformación em la convivencia. Con la colaborácion Sima Nisis.* Santiago do Chile: Dolmen Ensayo, 1999.
OLIVEIRA, C. S. *Sobrevivendo no inferno: a violência juvenil na contemporaneidade.* Porto Alegre: Sulina, 2001.
NOGUEIRA. André Aguiar. *Fogo, vento, terra e mar: a arte de falar dos trabalhadores do mar.* Secretaria de Cultura do Município de Caçapava. São Paulo, 2007.
PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia, ESCÒSSIA, Liliana (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa — intervenção e produção de subjetividade.* Porto Alegre: Sulina, 2010.
QUIROGA, A. M. A cidadania como indicador social. In: Juventude, cultura e cidadania. NOVAES, R. R.; PORTO, M.; HENRIQUES, R. (Orgs.). *Comunicações do ISER.* Ano 21. Ed. especial, 2002.

ROSÁRIO. Nilza. Mitos e cartografias: novos olhares metodológicos na Comunicação. In: Maldonado, Efendy; Bonin, Jiani; Rosário, Nilza (Orgs.). *Perspectivas metodológicas em Comunicação: desafios na pratica investigativa.* João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008, p. 195-220.
SANTOS, Nair Iracema Silveira dos; BARONE, Luciana Rodriguez. Uma Pesquisa-Intervenção em Análise. Militância, Sobreimplicação ou Ato Político? In: MACHADO, Adriana M.; FERNANDES, Ângela M. D.; ROCHA, Marisa Lopes da (Orgs.). *Novos possíveis no encontro da psicologia com a educação.* São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007, p. 67-86.
SILVA, Juremir Machado da. Crítica à Ilha das Flores. *Zero Hora,* Porto Alegre, 17/06/1989.